

Sinal de exploração

Produção cresce muito acima do emprego

A indústria química brasileira obteve, no 1º semestre de 2010, alta de todas as variáveis que medem seu desempenho, confirmando a perspectiva de um ano de maior faturamento para o setor, que será acima dos R\$ 206,7 bilhões de faturamento líquido registrado em 2009 — um resultado já bastante elevado para aquele ano, se levarmos em consideração os impactos negativos da crise internacional sobre a economia brasileira.

Vejamos os números deste primeiro semestre: a produção industrial do setor químico teve uma elevação de +12,01% e as vendas internas cresceram +9,89%. Nos últimos seis meses (junho de 2010 sobre dezembro de 2009), o índice de preços acumula alta de 18,79%, com praticamente todos os grupos indicando recuperação à exceção de: cloro e álcalis e intermediários para resinas termofixas, cujos índices de preços tiveram quedas de 8,85% e 10,36%, respectivamente.

A utilização da capacidade instalada chegou a 82% nos primeiros seis meses deste ano, cinco pontos mais que a média (77%) de igual período de 2009. Com relação ao consumo nacional dos produtos pesquisados pela Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química), houve um aumento razoável no 1º semestre de 2010, sobre igual período do ano passado, de +19,34%.

Por outro lado o aumento das importações sendo

desproporcional: cresceram 35,84% (quase quatro vezes mais do que a produção local). Este crescimento das importações reflete a alta dependência da indústria química brasileira em relação às matérias primas e insumos importados, especialmente o setor de fertilizantes. O que indica neste aspecto o alto grau de dependência da agricultura brasileira (principalmente do agronegócio) em relação aos importados.

A única variável que tem andado a passos de tartaruga neste cenário de recuperação é o emprego: o número de pessoal ocupado no primeiro semestre de 2010 aumentou apenas 0,75%. Ou seja, a recuperação da indústria química após a crise de 2009 se reflete em todos os indicadores que apontam para a possibilidade de um novo faturamento recorde em 2010 (aumento da produção, das vendas e dos lucros), menos nos indicadores de emprego, que continuam praticamente estagnados.

Neste contexto cabe o seguinte questionamento: como as empresas conseguem aumentar a produção em 12% e elevar a utilização da capacidade instalada para 82% (cinco pontos mais que a média de 77% verificada nos primeiros seis meses de 2009) sem recompor o mesmo nível de emprego do ano passado? Só existem duas explicações para este aumento da produção: 1) ou as empresas aumentaram sua



produtividade (quantidade de produtos num determinado tempo) por meio da aquisição de máquinas - o que é pouco provável, tendo em vista que não houve aumento significativo de investimentos na aquisição de máquinas e equipamentos neste último período; 2) ou as empresas estão impondo aos trabalhadores uma maior carga de trabalho, através do aumento do ritmo de trabalho e das horas extras.

Tendo em vista o crescimento espantoso do número de doenças do trabalho, que a cada ano tem resultado em milhares de trabalhadores e trabalhadoras lesionados, não temos dúvida de que a segunda explicação (aumento do ritmo de trabalho e das horas extras) é a que pode nos fazer entender como as empresas aumentam sua produção sem aumentar o número de emprego no mesmo patamar do período anterior. Afinal de contas, esta é a lógica do atual sistema, em que a maior exploração do trabalho representa maior fonte de lucro aos patrões.



Utilização da capacidade instalada no 1º semestre de 2010 foi de 82%. Cinco pontos mais que a média (77%) de igual período de 2009. Enquanto a produção cresceu 12,01% no 1º semestre, o emprego cresceu apenas 0,75%!

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA **82%**
PRODUÇÃO **12%**
EMPREGO **0,75%**

Unilever cresce 37% no primeiro semestre

Dona de 400 marcas entre as quais Axe, Dove, Knorr e Hellmanns, a multinacional obteve um lucro bruto no primeiro semestre de 2010 de quase 4 bilhões de dólares (US\$ 3.924 bi). Além do lucro bruto, a Unilever fechou o primeiro semestre de 2010 no mundo com um lucro líquido de US\$ 2,6 bilhões, ou seja, valor 37% maior do que o observado no mesmo período de 2009. As categorias que mais contribuíram para esta elevação dos lucros foram as de alimento e cuidados pessoais.



Para termos uma idéia do poder de mercado da Unilever, dados do próprio site da empresa afirmam que cerca de "150 milhões de vezes por dia em 170 países, uma em cada duas donas de casa no mundo compra uma marca da Unilever". A Unilever aposta no crescimento de suas vendas nos países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, Índia, China, Indonésia e Turquia. E a América Latina está entre as regiões mais fortes, incluindo o México e o Brasil.

A multinacional tem como objetivo acelerar o crescimento dos volumes globais para o resto do ano para esta região e, especificamente, posicionar sua marca de sabonete Lifebuoy no Brasil, Peru e Bolívia, além de investir em inovação para as marcas existentes.

Por outro lado, os acionistas receberam um aumento de 8% por ação em consequência da realização do "One Unilever" — operação de ajuste realizada para remover as "complexidades desnecessárias" na estrutura da empresa, ou seja: um ajuste que, entre outras medidas, resultou em demissões e na aposentadoria antecipada de trabalhadores em várias unidades da empresa.

Nordeste concentra 54% dos conflitos por terra

O Nordeste concentrou 54% dos conflitos por terra ocorridos no Brasil, no primeiro semestre de 2010. Em relação a 2009, subiu de 158 para 194 o número de casos na região. Esses índices foram apontados no relatório parcial "Conflitos no Campo Brasil", produzido pela Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Segundo a CPT, a índice de conflitos continuou crescendo no Nordeste por que "A velha pauta da reforma agrária não se realizou. O maior problema do Nordeste ainda é a concentração da terra. E é, também, o local onde temos a maior concentração de camponeses sem terra."

Embora tenha diminuído em relação ao ano passado, o trabalho escravo ainda apresenta números preocupantes. Em 2009, o Ministério Público do Trabalho libertou mais de 2.8 mil pessoas de situações degradantes. Em 2010, 1.668 trabalhadores foram libertados.

"Há algum tempo a pecuária era a área onde os trabalhadores rurais eram presa fácil para esse sistema de trabalho escravo. Mas hoje, principalmente no Sudeste e no Sul, onde mais se instala o monocultivo de eucalipto e pinho, é um espaço onde tem uma grande incidência de trabalho escravo."

A CPT ainda informou que os conflitos pela água cresceram em todas as regiões, com exceção do Norte. Muitas ocorrências estão relacionadas à construção de barragens.

O Brasil que não muda!

O Brasil gasta anualmente R\$ 25 bilhões com acidentes e doenças de trabalho. Os maiores índices de afastamento e se dá por conta das lesões musculares. O Brasil é o quarto colocado mundial em número de acidentes (OIT).



Participe do PLEBISCITO POPULAR

Entre os dias 1º e 7 de setembro será realizado o Plebiscito Popular sobre o limite da propriedade da terra. Com o objetivo de preparar os brasileiros para a votação, mais de 50 organizações iniciaram uma série de mobilizações que será encerrada com o Grito dos Excluídos. Estão programadas atividades de panfletagem, além de atos políticos e culturais nas capitais e regiões metropolitanas de 26 estados brasileiros.

Atrás apenas do Paraguai, o Brasil é o segundo país no mundo que mais concentra terras. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 43% das áreas rurais pertencem a grandes proprietários. O integrante da coordenação do Fórum Nacional de Reforma Agrária (FNRA), Gilberto Portes, alerta para o perigo a presença internacional no campo.

"Não é mais aquele latifundiário tradicional que controla a propriedade da terra. Hoje, são as transnacionais, as grandes corporações, mas o latifúndio existe. Continua a concentração da terra e o massacre de trabalhadores camponeses. Existem milhares de trabalhadores rurais sem terra que continuam debaixo das lonas. Nossa idéia é retomar o debate para mostrar para a sociedade brasileira que a reforma agrária é um dos instrumentos para resolver o problema da fome, da miséria e da desigualdade social."

Há duas semanas, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), determinou o cancelamento do registro imobiliário de mais de cinco mil propriedades no estado do Pará. Todas as propriedades têm mais de 2.5 mil hectares, o que exige uma autorização do Senado para a aquisição, conforme determina a Constituição. No último ano, foi cancelada uma posse de mais de 410 milhões de hectares, também no Pará. A área corresponde à metade de todo o território brasileiro.

PELO DIREITO À TERRA E À SOBERANIA ALIMENTAR

Vamos às urnas
mostrar nosso
Poder Popular

Plebiscito Popular
pelo limite da propriedade da terra

De 01 a 07 de
setembro
2010

LIMITE DA PROPRIEDADE DA TERRA: UM DIREITO DO POVO, UM DEVER DO ESTADO